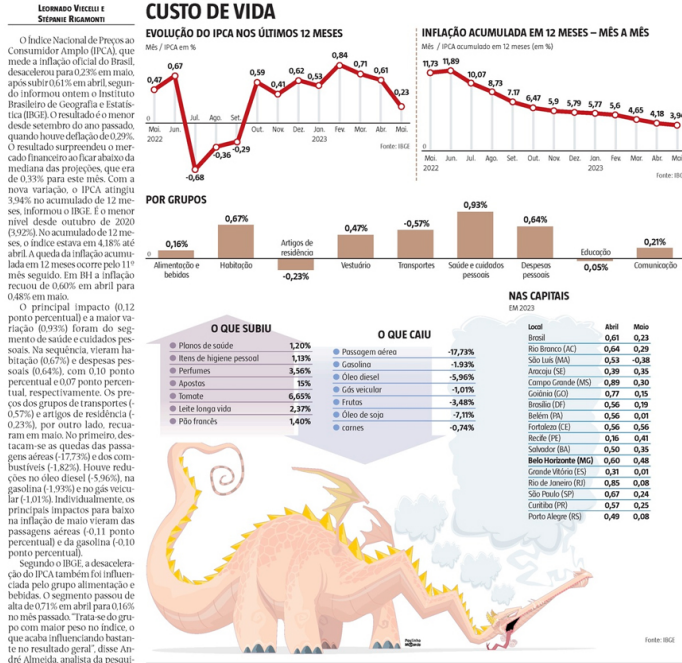


PREÇOS

IPCA recua para 0,23% em maio, no menor percentual desde setembro de 2022. Acumulado de 12 meses foi de 3,94%, ficando abaixo de 4% pela primeira vez desde 2020

Inflação desacelera em maio



O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial do Brasil, desacelerou para 0,23% em maio, após subir 0,61% em abril, segundo informou ontem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado é o menor desde setembro do ano passado, quando houve deflação de 0,29%. O resultado surpreendeu o mercado financeiro ao ficar abaixo da mediana das projeções, que era de 0,33% para este mês. Com a nova variação, o IPCA atingiu 3,94% no acumulado de 12 meses, informou o IBGE. É o menor nível desde outubro de 2020 (3,92%). No acumulado de 12 meses, o índice escava em 4,18% até abril. A queda da inflação acumulada em 12 meses ocorre pelo 11º mês seguido. Em BH a inflação recuou de 0,60% em abril para 0,48% em maio.

O principal impacto (0,12 ponto percentual) e maior variação (0,93%) foram do segmento de saúde e cuidados pessoais. Na sequência, vieram habitação (0,67%) e despesas pessoais (0,64%), com 0,10 ponto percentual e 0,07 ponto percentual, respectivamente. Os preços dos grupos de transportes (-0,57%) e artigos de residência (-0,23%), por outro lado, recuaram em maio. No primeiro, destacam-se as quedas das passagens aéreas (-17,73%) e dos combustíveis (-1,93%). Houve reduções no óleo diesel (-5,96%), na gasolina (-1,93%) e no gás veicular (-1,07%). Individualmente, os principais impactos para baixo na inflação de maio vieram das passagens aéreas (-0,11 ponto percentual) e da gasolina (-0,10 ponto percentual).

Segundo o IBGE, a desaceleração do IPCA também foi influenciada pelo grupo alimentação e bebidas. O segmento passou de alta de 0,71% em abril para 0,16% no mês passado. "Trata-se do grupo com maior peso no índice, o que acaba influenciando bastante no resultado geral", disse André Almeida, analista da pesquisa do IBGE. Na alimentação, o principal destaque veio da alimentação no domicílio, que passou de 0,72% no mês anterior para uma estabilidade em maio. Houve quedas nos preços das frutas (-3,48%), do óleo de soja (-2,11%) e das carnes (-0,74%). Por outro lado, os preços do tomate (6,65%), do leite longa vida (2,37%) e do pão francês (1,40%) mostraram altas. "Nos casos do

tomate e do leite, os aumentos de preço estão relacionados a uma menor oferta", disse Almeida.

**META E JUROS** Em 2023, o centro da meta de inflação, que serve como referência para o Banco Central (BC), é de 3,25%. O intervalo de tolerância é de 1,5 ponto percentual para mais (4,75%) ou

para menos (1,75%). Ou seja, o IPCA está abaixo do teto da meta nos 12 meses até maio (3,94%).

Analistas, porém, esperam que a inflação acumulada volte a ganhar força no segundo semestre após perder ritmo na primeira metade de 2023. Parte dessa projeção está associada ao efeito da base de comparação. As despesas

das eleições de 2022, em preços de produtos como a gasolina foram reduzidos de maneira artificial pelo corte de tributos promovido pelo governo Jair Bolsonaro (PL).

Esse efeito deve sair do cálculo dos 12 meses até o fim do ano. Em junho e julho, também é esperado que a gasolina seja pressionada pela nova alíquota de

ICMS (imposto estadual) e pelo retorno integral de tributos federais. Na mediana, a variação prevista pelo mercado financeiro para o IPCA é de 5,69% no acumulado até dezembro, de acordo com o boletim Focus mais recente, publicado pelo BC na segunda-feira. A projeção da semana anterior era maior, de 5,71%. Mesmo

em baixa, a estimativa continua sinalizando o terceiro ano consecutivo de estouro da meta. O Comitê de Política Monetária (Copom) ligado ao BC, vem mantendo a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano sob argumento de que busca conter a inflação. Mas com a inflação vindo abaixo do esperado em maio, analistas passaram a considerar um corte na Selic antes mesmo de setembro, mês que é visto pelo mercado como o mais provável para o início do processo de redução. De 13 bancos de investimento e casas de análise 11 apontam no início do ciclo de queda de juros entre agosto e setembro deste ano. Entre eles, oito emergem uma possibilidade de começo do alívio monetário no país já em agosto, com alguns calibrando suas expectativas após a divulgação da inflação oficial do Brasil ontem.

Analistas também chamam a atenção para o recuo de todas as medidas dos núcleos da inflação. Os núcleos captam melhor a tendência para os preços do país ao desconsiderar distúrbios resultantes de choques temporários, excluindo da conta itens mais voláteis, como energia e alimentos. Entre os que revisaram suas projeções logo após a divulgação do IPCA estão a Nova Futura Investimentos e a Mirae Asset, que alteraram as estimativas de corte da Selic de setembro para agosto. A Mirae ainda mudou o patamar a que a taxa básica de juros deve chegar ao fim do ano, passando de 12,75% para 12,25%. Além da inflação, o economista Julio Hegedus Netto, da Mirae, diz que a melhora na relação entre o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o Banco Central também justifica a mudança na aposta.

A Genial Investimentos, que antes projetava juros a 13,75% até o fim de 2023, agora entrega espaço para corte da Selic neste ano, vendo o melhor momento para isso a partir de setembro. "A experiência passada desacostumou fortemente cortes precoces da taxa de juros quando o processo de desinflação ainda não estiver sedimentado", destaca a casa de análise. AXP e o Inter reforçaram suas expectativas de corte de juros para agosto após a divulgação do IPCA ontem. Para o Inter, haveria espaço para redução da Selic já na reunião do Copom deste mês de junho, mas considerando a comunicação mais rígida na reunião anterior feita. A projeção da semana anterior era maior, de 5,71%. Mesmo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia Pagina: 5